

PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE QUALIDADE DE ENSINO: ESCOLA, FAMÍLIA E CULTURA

BRANDÃO, Zaia - PUC-Rio

VARGAS, Hustana - PUC-Rio/UNESA

PAULA, Lucília de - PUC-Rio/UFRRJ

MANDELERT, Diana - PUC-Rio

CARVALHO, Cristina de - PUC-Rio

CAZELLI, Sibeles - PUC-Rio/Museu de Astronomia-MAST

GT: Sociologia da Educação /n.14

Agência Financiadora:. CNPq /FAPERJ

1. Qualidade de Ensino: processos de produção

O tema da produção da qualidade do ensino vem ganhando relevância no cenário acadêmico especialmente em função dos processos governamentais de avaliação, os quais têm revelado a imprescindibilidade do aporte sociológico na compreensão da dinâmica envolvida.

Os dados do SAEB apontados no relatório nacional 2001, no tocante à eficácia e equidade no sistema educacional brasileiro, destacam:

a conjugação de condições pedagógicas favoráveis, expressas pela existência de recursos pedagógicos e financeiros da escola, aliada ao comprometimento dos professores com os resultados dos alunos, está associada a melhores desempenhos. Além disso, deve-se ressaltar que a importância da família na vida escolar dos filhos e a abertura da escola ao diálogo com a comunidade são também aspectos a serem considerados (INEP, 2001, p.167).

A conclusão daquele órgão governamental no tocante aos efeitos do nível socioeconômico sobre o desempenho dos alunos é de que três grandes estruturas sociais influenciam o desempenho cognitivo de um aluno: sua condição socioeconômica, sua família e a escola freqüentada. O nível socioeconômico apresenta-se como fator que mais explicaria a heterogeneidade dos resultados escolares: pode ajudar ou dificultar o aprendizado do aluno e afeta diretamente o funcionamento e a organização das escolas e das salas de aula. Considera que a

família compreende o espaço da criação de estratégias educativas que impulsionam o aluno, seja através da transmissão do capital cultural, seja

pelo fomento aos hábitos de estudo através do estímulo e da manutenção de expectativas educacionais. Já a escola é o local de desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem (Ibidem, 2001, 184).

O impacto da origem socioeconômica da família e do nível socioeconômico médio da clientela da escola freqüentada sobre o desempenho de alunos tem sido relatado em inúmeras pesquisas nacionais recentes, especialmente aquelas relacionadas à análise do Sistema de Avaliação da Educação Básica (INEP, 1999; ALBERNAZ; FERREIRA; FRANCO, 2002; BONAMINO; FRANCO; FERNANDES, 2002). O resultado de modelagens sobre aqueles dados mostra a relevância do efeito agrupamento (grupo de pares) para a produção dos resultados educacionais:

Quanto maior o nível socioeconômico (NSE) médio da clientela das escolas, menor o efeito das condições familiares de cada aluno [...] de modo que estudantes de NSE alto têm seus resultados educacionais positivamente influenciados pelo efeito do grupo (ALBERNAZ; FERREIRA; FRANCO, 2002, p. 22).

Estes resultados contribuem para realçar a importância de se efetuar estudos que procurem aprofundar compreensões sobre diferentes grupos sociais em relação à escolarização, tematizando a desigualdade social e suas articulações com a escolarização para as famílias.

Este trabalho investiga como as características escolares e familiares interagem na produção da qualidade de ensino e da excelência escolar.

1.1 Processos de produção da qualidade de ensino em escolas de prestígio

Especificamente, a pesquisa centra-se em escolas de prestígio¹, por onde transitariam profissionais e famílias com capital cultural mais amplo e com nível socioeconômico elevado. Nessas elites, a estrutura do capital revela uma maior complexidade pelo elevado trânsito de conversões², e volume de capital relacionado a posições superiores dentro da estratificação social brasileira: com a combinação de *status* e renda.

Neste caso, como se operaria a produção da qualidade de ensino? De que forma o efeito grupo se manifestaria nesta produção? Nossa hipótese é que, conhecendo as

¹Assim denominadas e difundidas pela mídia especializada, através de *rankings* educacionais. Foram pesquisados dois colégios: um bilíngüe, outro confessional.

² Capital cultural em capital escolar, capital econômico em capital cultural etc.

características de escolarização dessa clientela, reuniremos elementos para se pensar como se produz a qualidade de ensino.

Essa investigação sobre a escolarização de elites cariocas apoiou-se especificamente nos trabalhos de Pierre Bourdieu que focalizam a socialização familiar e escolar na construção das características sociais que *distinguem*, simbólica e materialmente, determinados grupos no espaço social: *La Distinction* (1979), *L'homo Academicus* (1984), *La Noblesse d'État* (1989). Estas pesquisas são particularmente interessantes como exemplos de reconstrução teórico-empírica das disposições (*habitus*) que garantem a coesão das elites e a permanente mobilização dos agentes sociais na disputa pelas melhores posições nos campos que coexistem no espaço social.

De todos os grupos sociais, aqueles constituídos à base escolar - instituídos pela imposição de um título e de uma identidade comum aos indivíduos ligados por fortes semelhanças sociais e, como tais reconhecidas e legitimadas - são indiscutivelmente os que mais se assemelham à família (BOURDIEU, 1989, p. 257).

As frações de elites estudadas pertencem a setores superiores e médio-superiores da população que apresentam elevado capital cultural. O conceito de capital cultural é imprescindível à compreensão dos processos de desigualdade material e simbólica que constroem e reconstroem as hierarquias sociais, e que garantem a reprodução de certos grupos no cume da escala social e, a outros, uma certa mobilidade provocada pelo acúmulo desse capital (BOURDIEU, 1998, 1996).

Os jovens destas frações têm na família e na escola as principais agências de constituição dos *habitus*, confirmando ao longo do processo de socialização a herança sócio-cultural que servirá como elemento de distinção (NOGUEIRA, 1998, 2002; ALMEIDA; NOGUEIRA, 2002).

2. Estratégias metodológicas

Conciliamos abordagens quantitativas e qualitativas utilizando distintos instrumentos metodológicos. Para a coleta de dados utilizamos três questionários, a que acrescemos as observações de campo nas escolas e entrevistas individuais. Procuramos estudar como se cruzam e combinam as influências familiares, sociais e escolares na formação acadêmica dos jovens matriculados naquelas escolas de prestígio.

O questionário de alunos foi aplicado a 319 estudantes de 8ª série. Estes mesmos alunos fizeram chegar os questionários às mãos de seus pais. Obtivemos o retorno de

144 pais, sendo 54 da escola bilíngüe (escola 1) e 96 da escola confessional (escola 2). 29 professores do colégio bilíngüe e 12 do confessional.

A necessidade e os benefícios da articulação entre pesquisas qualitativas e quantitativas foi acentuada por Stajn, Bonamino e Franco (2003, p. 20) no tocante à produção de questionários de levantamentos em avaliação educacional. Os autores destacam que “os grandes levantamentos quantitativos não podem ignorar os conhecimentos obtidos por meio de investigações educacionais de natureza qualitativa”. A partir dessa articulação se poderá identificar “o que faz diferença em educação e buscar avaliar aquilo que consideramos importante”. Nessa direção, os questionários elaborados foram produzidos em diálogo com teorias pertinentes, valorizando a integração teoria-empíria. Assim, as questões puderam ser agrupadas em temas e conceitos relacionados àquelas teorias.

No questionário de professores, os temas e conceitos relacionados foram:

- Experiência profissional: anos de formação, anos como professor, anos na escola, experiência na rede pública de ensino;
- Formação profissional: caracterização da instituição formadora e titulação;
- Condições de trabalho: número de escolas em que trabalha e carga horária semanal;
- Contexto escolar: clima escolar, perfil dos alunos, comparação entre alunos, cooperação entre pares, avaliação da atitude familiar na escolaridade, utilização de recursos pedagógicos na escola;
- Visão sobre a escola: comparação entre escolas e papel fundamental de uma escola;
- Definição de elite: caracterização das famílias dos alunos e pertencimento à elite;
- Capital cultural: conhecimento de língua estrangeira, diversidade de leitura, diversidade de programas de televisão, práticas de lazer, práticas culturais, viagens internacionais;
- Caracterização socioeconômica: salário como professor, média salarial em relação à categoria de professor, renda familiar bruta;
- Caracterização sócio-demográfica: sexo e idade.

No questionário de pais, temas e conceitos destacados:

- Caracterização sócio-demográfica: estrutura familiar e orientação religiosa;
- Capital social: envolvimento familiar, participação na vida escolar, envolvimento da família com amigos e/ou pais dos amigos do filho e professores da escola;

- Caracterização socioeconômica familiar: profissão e ocupação dos pais, posse de bens, NSE/ABIPEME, condição do domicílio, renda familiar;
- Capital cultural: nível de escolaridade, caracterização da instituição formadora, conhecimento de língua estrangeira, participação em atividades de natureza artística/cultural, diversidade de leitura, diversidade de programas de televisão, viagens internacionais, práticas de lazer, práticas culturais;
- Apoio econômico familiar na educação: investimento econômico na educação.

Quanto ao questionário dos alunos:

- Trajetória escolar: trajetória escolar (tipo de escola, repetência, professor particular etc);
- Contexto escolar: clima escolar, práticas de estudo;
- Práticas de estudo: práticas de estudo (local de estudo em casa, frequência do dever de casa, tempo gasto com estudo de casa etc);
- Capital cultural: apoio cultural familiar, participação em atividades de natureza artística, conhecimento de língua estrangeira, diversidade de leitura, atitude de leitura, práticas de lazer, práticas culturais, diversidade de programas de televisão, viagens internacionais;
- Capital social: diálogo familiar, envolvimento da família com amigos e/ou pais dos amigos do filho;
- Caracterização socioeconômica familiar: posse de bens;
- Caracterização sócio-demográfica: estrutura familiar, sexo, idade, bairro residencial.

Apresentados os temas e conceitos elencados nos três instrumentos, passaremos agora a uma análise dos questionários. Destacaremos alguns elementos que julgamos relevantes para a composição da produção da qualidade escolar nas duas escolas estudadas.

3. Análise dos Questionários

3.1 Pais e filhos – em casa

Constatamos que em relação à faixa etária não há defasagem série-idade, pois os alunos encontram-se na faixa apropriada para a 8ª série. A trajetória escolar, dessa forma, não apresenta interrupções. Em relação à composição familiar, podemos

constatar maioria de famílias nucleares³, compostas pelos pais e filhos, sendo que a dissolução do vínculo conjugal⁴ atinge apenas uma minoria das famílias investigadas.

Em sua maioria (70,5%), os questionários foram respondidos pelas mães. A posição central da mãe no acompanhamento cotidiano da escolaridade da prole é reconhecida em numerosas pesquisas (NOGUEIRA, 2002; ARAÚJO; SCHWARTZMAN, 2002). Tal centralidade decorre do papel específico da mulher na vida doméstica. É ela que ainda hoje detém a função primordial de acompanhar a escolaridade dos filhos, mesmo que desempenhe uma função profissional. O resultado, segundo Régine Sirota (1994, p. 26), é uma translação dessas capacidades adquiridas para a profissionalização do papel de mãe. Elas dão suporte à vida escolar dos filhos e viabilizam – através do suporte logístico ao transporte, à organização dos horários, à avaliação dos custos, definição de prioridades etc - uma série de atividades paralelas com o objetivo, explícito ou não, de ir além das exigências do cotidiano escolar. Criam assim um ambiente de socialização mais denso, pela multiplicação de atividades extra-escolares e pelo desenvolvimento de estratégias de diferenciação cultural que, embora independentes das demandas escolares, repercutem sobre as condições de escolarização dos filhos.

O nível de ensino de mais alta titulação dos pais é o superior, seguido de mestrado. A soma desses dois itens, mais o doutorado, configura um total de 87,6% e 92,8%, proporção considerável se comparada aos números brasileiros⁵. Aqui, nos defrontamos com um universo cultural muito específico e bastante reduzido na realidade brasileira. Estamos falando da inserção destes pais no ápice da pirâmide educacional do país, referida a um estrato para o qual a escolarização é acionada como condição de reprodução nesse mesmo estrato.

Devemos observar que 13,9% das mães têm nível superior e declaram como ocupação: “do lar”. Pode-se pensar em famílias cujas mães alocam os conhecimentos que amalharam nessas graduações, em grande parte na direção de um desempenho doméstico - e não profissional. Assim sendo, podem dotar essas famílias de recursos

³ O número de filhos da maioria dos pais estudados (mais de 70%) se situa entre um e dois filhos.

⁴ A situação dos pais é predominantemente casada (68,8% no colégio bilíngüe e 79,9% no colégio confessional).

⁵ Dados do Sistema de Avaliação do Ensino Básico de 1997 para a 8ª série apontam uma proporção de aproximadamente 27% de pais no nível superior (INEP – Brasília, 1999: 28).

adicionais relacionados à informação, cultura e relações sociais, comparativamente a outras famílias com nível inferior de escolaridade dos pais.

A frequência com que a maioria dos pais (62%) viajou, nos últimos três anos, para o exterior associado à resposta sobre o conhecimento de línguas, oferecem um indicador sobre um processo de internacionalização das elites. O destino preferencial se divide igualmente entre Europa (39%) e os EUA/Canadá (39%). Mais da metade dos pais de ambas as escolas assinalaram ter um bom conhecimento de inglês. Seus filhos apontam, também, domínio da língua inglesa. Trata-se, portanto, de famílias com considerável acesso à língua e cultura estrangeiras, via de regra elemento que contribui para descortinar horizontes sem fronteiras no contato com o mundo para seus membros. Em uma espiral, a facilidade com línguas favorece a inserção no ambiente acadêmico-cultural e que por sua vez permite a ampliação dessa aquisição que alimenta a facilidade com línguas. Da mesma forma, a maioria dos alunos realizou viagens internacionais, nos últimos três anos: cerca de 87% dos alunos do Col. 01, e 60% do Col. 02.

A seleção que os pais de ambas as escolas (leitores declarados de jornais e revistas) lêem regularmente revela unidade em direção ao que é priorizado: *atualização com relação à informação*, como uma ferramenta indispensável à circulação e permanência nos meios acadêmicos e culturais mais prestigiados. Da mesma forma em relação a programas de TV, as opções mais frequentes foram jornais, noticiários e documentários. Cabe destacar que o capital-informação analisado por Dantas (2002) gera valor-informação com importantes desdobramentos no plano material, podendo ser convertido em capitais econômico e social. Sobre a especificidade do capital cultural do grupo estudado, consideramos que o capital-informação é capital informacional com propriedades de insumo cultural, funcionando, portanto como uma dimensão da estrutura do capital cultural. Esses dados os colocam em uma posição de potencial disseminador de opinião no contexto da população brasileira.

Metade das famílias tem renda entre R\$ 2.000,00 e R\$ 8.000,00 o que pode ser considerado como a classe média brasileira⁶. Acima de R\$ 8.000,00 teremos respectivamente para cada escola 49,9% e 46,7%, restando inexpressiva a participação

⁶ Veja (1844, nº 10- 10/03/2004, p. 50-52) – “Embora exista muita polêmica nesse campo, a maioria dos pesquisadores aceita que a classe média seja formada por aproximadamente 45 milhões de pessoas, com renda familiar mensal de 1 800 a 7200 reais”.

de pais com renda inferior a R\$ 2.000,00. Esta distribuição fala a respeito de pais inseridos nos níveis mais elevados de renda da população brasileira.

Em relação às tarefas escolares dos filhos, as respostas concentram-se nas opções que refletem uma postura de acompanhamento escolar. Assim, os itens do questionário dos pais: “ele é inteiramente responsável” e “delega a outra pessoa” representam clara minoria. Desta forma, os filhos sabem que podem contar com a ajuda dos pais.

Chamou a atenção o fato de que poucos alunos assinalarem à Internet como recurso para a realização dos trabalhos escolares, apesar do seu crescente uso entre os jovens dos segmentos estudados. Nossa suposição é que a Internet é utilizada para outros fins que não o escolar, como, por exemplo, a comunicação pessoal, visto que mais de 60% desses alunos lêem e-mails habitualmente.

Ao investigarmos a relação entre pais e filhos, foi-nos possível construir um perfil mais homogêneo dessas famílias, a partir da percepção dos filhos. De modo geral, estes percebem seus pais presentes no seu cotidiano, encetando conversas sobre livros, filmes ou TV ou sobre seu rendimento escolar. Conversações sobre assuntos políticos também estão presentes no cotidiano familiar, ainda que de forma menos constante, sendo que apenas 9% dos alunos declaram que os pais nunca conversam sobre assuntos políticos. Ressaltamos a constância com que pais e filhos fazem as refeições juntos, bem como a prática de realizarem programas comuns. Esses dados indicam uma preocupação dos pais com a transmissão da herança cultural e com a manutenção de um vínculo sócio-afetivo-familiar, a par da constituição do *habitus* (BOURDIEU, 1998), comum entre as famílias dos alunos das duas escolas.

Analisando esses dados, podemos afirmar que esses pais investem tempo e atenção no cuidado com os filhos, acentuando uma relação de proximidade familiar alimentada por uma série de práticas culturais como conversações, programas e supervisão dos estudos. Essas e outras práticas usufruídas em conjunto proporcionam a aquisição de predisposições que facilitam a composição do *habitus*, consolidando a herança cultural e produzindo relações determinadas com os bens culturais que asseguram a entrada na cultura do grupo social (BOURDIEU, 1989). A presença e a participação dos pais é parte do processo de construção da produção da qualidade de ensino sem se vincularem as estruturas familiares, escolares e culturais como condições mais favoráveis à trajetória do sucesso deste segmento.

Uma condição favorável à trajetória de sucesso educacional desses segmentos evidencia a interferência da origem econômico-cultural das famílias no rendimento dos alunos das “boas” escolas (BRANDÃO; LELLIS, 2003). Esta colaboração dos pais na vida escolar dos jovens, pode ser interpretada como um valor agregado ao desempenho escolar desses estudantes. Faltam estudos capazes de mensurar de forma mais consistente a contribuição efetiva da escola para os melhores desempenhos escolares dos alunos, e assim balizar os valores efetivamente agregados pelas escolas (INEP, 1999).

Detectamos uma preocupação evidente dos pais em proporcionar um ambiente adequado ao estudo, ao disponibilizarem para os filhos bens materiais, associados ao consumo cultural, condizente com esses segmentos sociais: 93% dos alunos dispõem de uma mesa de estudo e, cerca de 57%, também de um computador no próprio quarto. Vemos que 91% desses jovens ainda possuem aparelho de som assim como aparelhos de TV, vídeo e telefone, na maioria dos quartos.

Em relação ao local em que os jovens costumam estudar, vemos que a grande maioria dos alunos (79%) prefere estudar no quarto, enquanto cerca de 25% dos alunos estudam na sala.

3.2 Pais, filhos e o universo escolar

O material empírico indica que os pais conhecem as pessoas que compõem o universo educacional dos filhos. Vemos que na sua maioria conhecem principalmente os colegas dos filhos, sendo que na escola bilíngue conhecem melhor esse universo educacional: coordenadores e orientadores. Em entrevista com a diretora apuramos de fato uma estrutura político-pedagógica peculiar, cujo objetivo é exatamente o envolvimento dos pais. Cada turma tem um pai representante que faz o papel de ligação entre o conjunto de pais e a direção da escola. Percebemos assim uma diferença de linha pedagógica entre as duas escolas. Vale destacar que a escola confessional é muito maior em número de alunos que a escola bilíngue. Talvez por isso, na escola confessional 20% dos pais declaram não conhecer os pais dos colegas dos filhos, 32% não conhece os professores e 32% não conhecem o diretor.

As respostas sobre as circunstâncias que os levam à escola revelam que mais de 80% dos pais vão as reuniões quando convocados individualmente ou quando algo os

incomoda. A escola bilíngüe apresentou um alto índice de comparecimento às festas e eventos promovidos pela escola, sendo que as reuniões de pais mobilizam mais de 80%.

A principal fonte de informação sobre o desempenho dos filhos é o próprio filho (69,4% e 66,3%). E o boletim escolar serve provavelmente para quantificar o desempenho dos filhos (34,7% e 58,1%). Vemos que o diálogo entre pais e filhos acontece, pois ainda que o boletim deva ser assinado, os pais consideram as informações dos filhos mais importantes. Devemos levar em conta também a faixa etária contemplada, pois a 8ª série normalmente representa um momento em que os alunos começam a ter uma independência maior dos pais para o desenvolvimento do trabalho escolar.

Perante o resultado escolar negativo, esses pais oferecem apoio nos estudos (73,5% e 81,4%). E a opção “oferece incentivos materiais”, quase não é considerada. Nesse caso, os prêmios são representados negativamente, quando o que se intenta é o desenvolvimento da responsabilidade pelo estudo. É importante ressaltar também, que para esses pais a escola tem pouca ou nenhuma participação no mau desempenho do filho (apenas 2,0% e 3,5% de pais questionam a escola, nesse caso). Podemos cogitar se para esses pais, o resultado negativo estaria adstrito a problemas individuais dos filhos, que por sua vez poderiam contar com o engajamento da família na superação das dificuldades. Estas disposições ilustram o quadro da “boa vontade cultural”, caracterizado por Bourdieu.

3.3 Professores e alunos

De um modo geral, a percepção da maioria dos alunos evidencia que há um clima institucional e pedagógico muito bom nessas escolas. Esses alunos demonstram ter uma imagem positiva do local onde estudam, apontando como um ambiente em se encontram entrosados, fazendo amigos facilmente (cerca de 77%) e ficando à vontade (76%). Quanto aos aspectos negativos, estes são apontados apenas por uma minoria, percebemos um pequeno diferencial entre os dois colégios, pois um percentual maior de alunos do Colégio 1 afirmou que às vezes ficam entediados, incomodados e fora de lugar na escola.

Cerca de 80% dos alunos afirmaram que se relacionam bem com os professores. Segundo a percepção destes, estas escolas possuem um corpo docente interessado na

sua aprendizagem: a maioria dos professores os incentiva a melhorar, está disponível para esclarecer suas dúvidas e dá oportunidades para que estes expressem suas opiniões.

Quando perguntados sobre o envolvimento dos colegas, os professores com relação às variáveis: “aprendizagem dos alunos”, “melhoria da escola” e “responsabilidade pelos resultados”, praticamente todos os professores declararam se sentirem responsáveis pela aprendizagem dos alunos, assim como percebem a mesma atitude em seus colegas. De acordo com Sammons, Hillman e Mortimore (1995), a responsabilidade compartilhada pelo aprendizado do aluno melhora a eficácia da escola e há consenso acerca dos objetivos do ensino. Além disso, os autores destacam que professores compartilham visões e valores sobre educação.

3.4 Professores e famílias: universos cruzados

Foi possível constatar que o nível socioeconômico dos professores estudados, no que diz respeito ao indicador renda, mostra-se muito acima se cotejado com o grupo de profissionais do magistério. De acordo com o estudo da CNTE⁷, a média dos salários dos trabalhadores em educação situa-se na faixa de R\$ 500 a R\$ 700. Além disso, as pesquisas do Fundo das Nações Unidas para Educação e Cultura (UNESCO) e da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)⁸ reiteram que os trabalhadores em educação do Brasil possuem um dos piores salários entre 32 países de economia equivalente.

Desse modo, os professores dos colégios estudados podem ser caracterizados como elite, por auferirem os salários mais altos dessa categoria. Situam-se nos níveis mais elevados de renda da população brasileira, pois recebem acima de 20 salários mínimos.

Constatamos que a escolaridade é elevada e similar à dos pais de seus alunos: 71% do colégio bilíngüe possuem pós-graduação e 58% do confessional. Em trabalho sobre qualidade e equidade no ensino fundamental brasileiro, Albernaz, Ferreira e Franco (2002, p. 26) observaram, ainda sobre os dados do SAEB, que

o aumento na escolaridade dos professores beneficia todos os alunos da escola. Mas este benefício é crescente com o nível socioeconômico do aluno, de forma que professores mais qualificados contribuem para o aprendizado de todos, mas de forma mais acentuada para o dos alunos de nível socioeconômico mais elevado.

Considerando o tempo de trabalho dos professores em suas respectivas escolas, nota-se que no colégio confessional nenhum deles trabalha há menos de 5 anos na instituição, sendo que a metade concentra-se na faixa de 16 a 25 anos. Isso já não ocorre no colégio bilíngüe no qual 35% dos professores está há menos de 5 anos na instituição e 23% de 16 a 25 anos e os restantes nas outras faixas.

A percepção dos professores em relação à atitude familiar no que diz respeito à escolaridade dos filhos apresenta-se diferenciada: no colégio bilíngüe, as variáveis “presente” ou “presente apenas nas situações de crise” oferecem uma distribuição próxima (53% e 40%, respectivamente). No colégio confessional é marcante o

⁷In: <http://www.cnte.org.br/> - Retrato de Escola 03 – Relatório de Pesquisa sobre a situação dos trabalhadores(as) da Educação Básica.

⁸Idem.

percentual (73%) que considera as famílias “presente apenas nas situações de crise”. A variável “presente em excesso” não apareceu e a “ausente” aparece na seguinte proporção: 7% no colégio bilíngüe e 18% no confessional.

Já no que concerne à caracterização das famílias em relação ao tipo de elite a que pertencem, os professores da amostra consideram-nas de elite econômica (100% do colégio bilíngüe e 75% do confessional); de elite acadêmica (41% do colégio bilíngüe e 17% do confessional). No que diz respeito ao item “você se considera uma pessoa de elite”, obtivemos os seguintes percentuais: 82% do colégio bilíngüe e 58% do confessional responderam “sim”. As principais razões apresentadas por esse grupo são as seguintes: o nível de escolaridade alcançado e a possibilidade de continuar tendo acesso à educação ao longo da vida; um nível socioeconômico elevado tendo por base a realidade brasileira principalmente, em relação à categoria docente; por ter acesso à cultura em geral e aos espaços culturais disponíveis na sociedade.

Os padrões de consumo cultural dos professores investigados assemelham-se aos das elites estudadas. No que se refere à regularidade da leitura de jornais e/ou revistas, todos os professores dos dois colégios responderam afirmativamente a essa questão, sendo que *O Globo* e o *JB* são os mais lidos (93%). Nenhum deles lê jornais estrangeiros ou econômicos. A procura de informação está acompanhada pela leitura de revistas informativas semanais (*Veja, Isto é*), com um percentual um pouco mais elevado no colégio confessional (75% e 59%). Perguntados acerca dos programas de televisão que assistem, a maioria dos professores tem preferência por jornais e noticiários (colégio bilíngüe, 76% e no colégio confessional, 96%), assim como documentários (70% do colégio bilíngüe e 83% do colégio confessional).

Com relação a viagens ao exterior, nos últimos três anos, mais da metade dos professores (62%) do colégio bilíngüe e 40% do colégio confessional foram ao exterior. Dos que viajaram, o destino preferido é Europa (29% no colégio bilíngüe e 25% no confessional) e EUA/Canadá (29% no colégio bilíngüe e 25% no confessional).

4. Considerações Finais

Segundo Bourdieu (1989), a confrontação constante e prolongada com condiscípulos dotados de disposições semelhantes reforça, em cada um, as disposições e os valores partilhados e, desta forma a confiança no seu próprio valor. Ao agrupar os alunos de elite em um grupo separado, as escolas que atraem esses grupos, os

constituem em elite escolar, socialmente reconhecidas e, através desta distinção publicamente instituída os leva a se nutrir de um sentimento de pertencer a um grupo excepcional e a desenvolver práticas impostas pelo sentimento da diferença que tendem a reforçar tais diferenças. Laços de fraternidade, intensos e duráveis, se instauram entre os colegas adolescentes, de forma tão “natural”, como os sentimentos familiares no interior do grupo doméstico; desenvolve-se assim o *esprit de corps* tão comum aos egressos das “grandes escolas”.

A segregação agregadora que a instituição escolar opera é, sem dúvida, o mais poderoso operador da estruturação social dos afetos, e as amizades ou os amores entre os discípulos são uma das formas as mais seguras e melhores dissimuladas da constituição dessa espécie particularmente preciosa de capital social que são as relações da escola, princípio durável de solidariedades e de trocas de todas as ordens entre membros da mesma classe de idade escolarmente instituída sob o nome de “promoção” (BOURDIEU, 1989, p.257).

A convivialidade e as amizades que vão se consolidando nos anos de escola selam a adesão a valores comuns e, muito especialmente, ao valor do grupo enquanto corpo integrado e disposto a todas as trocas que reforcem a integração e a solidariedade entre os pares.

Os alunos apresentam um bom desempenho escolar, fruto provavelmente da integração entre a qualidade do ensino fornecido pela escola e as condições sociais e materiais providas pela família, que demonstra em sua maioria interesse, participação e empenho com a escolarização dos filhos, colaborando assim para a manutenção de seu bom rendimento escolar. A situação sócio-econômica e profissional de seus professores e seus depoimentos favoráveis em relação aos alunos e suas famílias no tocante à escolarização, completam uma esfera de influência facilitadora da produção da qualidade do ensino.

O estudo sobre o processo de escolarização dos alunos das “boas” escolas aponta para a interferência fundamental da origem econômico-cultural das famílias no sucesso escolar dos filhos e está a exigir a continuidade de pesquisas empíricas de caracterização social. Só assim, poderemos avaliar com mais precisão a contribuição efetiva da escola na produção da qualidade do ensino, permitindo outros enfoques sobre os processos de ensinar e aprender. A família e a escola, nos segmentos estudados, aliam estratégias e práticas que se complementam visando os melhores desempenhos dos alunos, o que dificulta a mensuração dos valores efetivamente agregados pelas escolas. Este é um velho problema recolocado em novos termos quando nos

perguntamos por que apenas uns poucos e não todos obtêm o sucesso escolar, podendo desta forma, levantar mais pistas sobre a desigualdade social e sua relação com a educação ou vice-versa.

Assim é que se imagina a contribuição desse trabalho que, se não esgota a discussão teórico-empírica sobre a estrutura interna do capital cultural desses setores, já permite apontar algumas características institucionais e familiares que interagem na produção da qualidade de ensino e da excelência escolar nessas escolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERNAZ, Ângela; FERREIRA, Francisco; FRANCO, Creso. Qualidade e equidade no ensino fundamental brasileiro. In: _____. **Pesquisa e planejamento econômico – IPEA**. Rio de Janeiro, v. 23, nº 3, 2002.

ALMEIDA, Ana Maria & NOGUEIRA, Maria Alice. **A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ARAÚJO, João Batista; SCHWARTZMAN, Simon. **A escola vista por dentro**. Belo Horizonte: Alfa Educativa Editora, 2002.

BONAMINO, Alicia; FRANCO, Creso; FERNANDES, Cristiano. **Eficácia e equidade na educação brasileira: evidências baseadas nos dados do SAEB de 2001**. PUC-Rio, Laboratório de Avaliação da Educação, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. **Razões práticas: Sobre a Teoria da Ação**. Campinas: Papirus, 1996.

_____. **La noblesse d'État: grandes écoles et esprit de corps**. Paris: Minuit, 1989.

_____. **L' homo Academicus**. Paris: Minuit, 1984.

_____. **La Distinción: Criterios y bases sociales del gusto**. Madrid, Taurus. Trad. M^a del Carmen Ruiz de Elvira, 1979.

BRANDÃO, Zaia; LELIS, Isabel. Elites acadêmicas e escolarização dos filhos. In: **Educação & Sociedade**: Revista de Ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade – vol. 24, nº 83 – ago. de 2003.

DANTAS, Manoel. **A lógica do capital-informação: a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

INEP. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. **Relatório nacional SAEB 2001**. Brasília, 2001.

_____. **O perfil do aluno brasileiro: um estudo a partir dos dados do SAEB 97 / INEP**. – Brasília: O Instituto, 1999.

NOGUEIRA, Maria Alice. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. In: **Revista Brasileira de Educação**. Nº 7, jan/fev/mar/abr p. 42/56, 1998.

_____. **Escritos de educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. **Elites econômicas e escolarização**: um estudo de trajetórias e estratégias escolares junto a um grupo de famílias de empresários de Minas Gerais. 2002. Tese para professor titular. Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte.

SAMMONS, P., HILLMAN, J., and MORTIMORE, P. **Key characteristics of effective schools: A review of school effectiveness research**. London: University of London, 1995.

SIROTA, Régine. **A escola primária no cotidiano**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1994.

STAJN, Paola; BONAMINO, Alícia; FRANCO, Creso. Formação docente nos surveys de avaliação educacional. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 118, p. 11-39, mar. 2003.